

Tolmasquim: Petrobras vai se preparar para o primeiro leilão de eólica offshore em 2024¹

Felipe Salgado²

A Petrobras pretende participar do primeiro leilão de eólicas offshore previsto para o segundo semestre do ano que vem. Mas, por ora, a investida ficará relegada a segundo plano. Antes, a petroleira pretende adquirir parques eólicos e solares onshore em operação no Brasil, afirmou o diretor de Transição Energética, Maurício Tolmasquim.

Segundo ele, a prioridade conferida às usinas em terra se explica pelos custos mais baixos e maior rentabilidade delas. “É algo que está mais maduro, tem mercado”, disse. No seu plano estratégico, a companhia anunciou investimentos de US\$ 5,5 bilhões em eólica, solar, hidrogênio e captura, uso e armazenamento de carbono (CCUS) para os próximos cinco anos.

O executivo reafirmou o interesse da Petrobras em ingressar no mercado de eólica offshore. Em 2023, a empresa firmou memorandos de entendimentos com a Equinor (14,5 GW) e Casa dos Ventos, além de protocolar no Ibama o pedido de licença para dez áreas (22,9 GW). “É nossa intenção, vamos nos preparar. Mas ainda temos que ver como faremos para viabilizar nossa participação no bid.”

Tolmasquim, no entanto, alerta para a necessidade de o Congresso equacionar o marco legal para regulamentar a atividade - o PL 11.247/2018 deve ser votado nesta quarta-feira (29), fruto de uma articulação do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), para aprovar “pautas verdes” antes da COP 28, que será realizada em Dubai, nos Emirados Árabes, entre 30 de novembro e 12 de dezembro.

De acordo com expectativas de agentes do setor, a aprovação do texto permitirá a realização do primeiro leilão de cessão de área possivelmente no segundo semestre de 2024. Após o certame, os investidores terão três anos para obter as

¹ Artigo publicado no Brasil Energia. Disponível em: <https://petroleohoje.editorabrasilenergia.com.br/tolmasquim-petrobras-vai-se-preparar-para-o-primeiro-leilao-de-eolica-offshore-em-2024/>. Acesso em: 30 de nov. de 2023.

² Jornalista do Brasil Energia.

licenças de construção dos parques, que deverão iniciar a operação por volta de 2030.

“É importante falar de projetos eólicos offshore agora? É. Eles vão acontecer amanhã? Não. Mesmo que nós tivéssemos uma lei aprovada e os leilões começassem no ano que vem, os projetos vão levar sete anos”, disse o presidente da estatal, Jean Paul Prates, no seminário “A neoindustrialização e a transição energética brasileira”, promovido pela Editora Globo no último dia 22.

Enquanto isso, a Petrobras avança com as campanhas de medição de vento e estudos de fundo oceânico para mapear o potencial de desenvolvimento de parques eólicos na costa marítima brasileira. Ao final, as informações coletadas permitirão a elaboração de um relatório detalhado sobre diferentes áreas do país.

“Assim que o relatório for anunciado e tivermos a previsão do leilão, o próximo plano estratégico da Petrobras deve incluir as eólicas offshore”, adiantou Tolmasquim.

De olho na “molécula do futuro”, o H2V

Após vender a antiga BR Distribuidora, a Petrobras abriu mão dos “postos” e se ateve aos “poços”, enquanto seus pares, sobretudo as petroleiras europeias, como Shell, Equinor e TotalEnergies, estendem a verticalização de suas operações até os “postes”, reposicionando suas marcas como companhias integradas de energia – a própria BR, rebatizada como Vibra Energia, agregou os “elétrons” às “moléculas” depois de se desgarrar da estatal.

Diante do “apagão” das gestões anteriores, a Petrobras engatou marcha a ré frente a transição. Agora, sob novas diretrizes, a petroleira pretende se tornar a “ponta de lança” do processo de retomada das “credenciais verdes” (soft power, diga-se) do país. “É muito difícil o governo Lula se posicionar na discussão climática se a principal empresa do país não está reposicionada”, disse Elbia Gannoum, presidente executiva da Associação Brasileira de Energia Eólica e Novas Tecnologias (ABEEólica).

Para ela, os investimentos em parques eólicos offshore vão diversificar a base energética da Petrobras. Na sua visão, será o primeiro passo da companhia para iniciar a produção de hidrogênio verde. “O hidrocarboneto só existirá sob a forma de produto descarbonizado – ou, do contrário, não existirá. A ‘molécula do futuro’ será o H2V. Sendo produtoras de molécula por vocação, as petroleiras substituirão o petróleo pelo H2V. Para isso, há de se começar pelo mercado interno”, avalia.

Indagada sobre os custos elevados da geração eólica em alto-mar, Elbia acredita que os preços devem cair a patamares competitivos até o final desta década em função do H2V, que pode vir a alterar a estrutura de demanda no Brasil. Ela

recorda o caso da energia eólica em terra, cujo preço do MW era o triplo daquele oriundo da geração hidrelétrica em 2006, mas que hoje é o mais barato do país.

A executiva destaca ainda a competitividade do maior parque eólico offshore do mundo, o Dogger Bank, de 3,6 GW, que está sendo construído pela Equinor em três fases no Reino Unido. Em outubro, a primeira etapa do projeto iniciou a produção de eletricidade com custo de € 46/MW (ou US\$ 50,6). “Em 2022, o preço esperado era de US\$ 100/MW. Em abril de 2023, já tinha caído para US\$ 60”, pontua.

Produtos com “selo verde”

O professor do Instituto de Economia da UFRJ e coordenador do GESEL (Grupo de Estudos do Setor Elétrico), Nivalde de Castro, diverge de Elbia Gannoum acerca da viabilidade econômica dos projetos de eólica offshore no país, mas concorda que a estratégia futura da Petrobras passa necessariamente pela substituição do hidrogênio cinza pelo verde para consumo próprio em suas refinarias.

Sendo a Petrobras a maior produtora e consumidora de hidrogênio cinza do país, diz ele, a substituição deste pelo H2V pode levar a empresa a originar produtos com selo verde e vender o excedente da molécula para clientes domésticos interessados em utilizá-la como insumo para processos industriais. “Eis a nova rota de negócios da Petrobras”, defende o economista.

Ele rechaça o plano de abastecer o processo de eletrólise com energia limpa produzida em ambiente offshore, apontando como caminho natural a geração renovável em terra. Por isso, enxerga o segmento de geração eólica não como novo negócio para a Petrobras, mas como oportunidade de desenvolvimento tecnológico.

“Meu argumento está baseado, por exemplo, na parceria que a Petrobras firmou com a WEG para desenvolver um aerogerador com capacidade de 7 MW”, opina.

Ainda de acordo com sua percepção, “grupos interessados em sair na frente” estão exercendo pressão para que o governo abra os leilões de potência. “Talvez daqui a 10 anos faça sentido investir, agora não. Nem para a Petrobras tampouco para qualquer outro grupo brasileiro”, conclui.